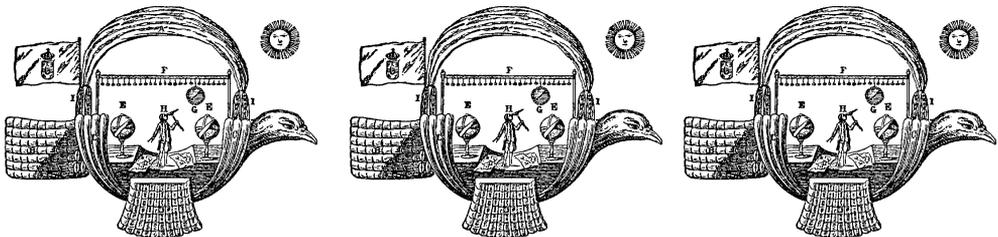


resenhas



Nas tuas mãos, romance
de Inês Pedrosa*

Célia Regina Marinangelo *

* Mestranda da USP.

“Uma amiga minha contou-me um dia que conhecia uma senhora que vivera toda a vida um casamento branco sem que a família suspeitasse que o marido dela tinha uma relação conjugal com o amigo do casal que morava com eles debaixo do mesmo tecto...”¹

O novo romance de Inês Pedrosa, jovem escritora portuguesa, gira basicamente em torno desse episódio revelado por ela na entrevista acima para a revista *Bravo*. Num primeiro momento, o leitor poderia imaginar tratar-se o romance de um texto erótico ou vulgar. Não é o que ocorre: *Nas tuas mãos* é um romance que tematiza relacionamentos, tendo em vista relevar os sentimentos que motivam as ações de personagens paradigmáticas não apenas de Lisboa, mas de qualquer ambiente citadino europeu.

Romance dividido em três partes: - “O Diário de Jenny”, “O Álbum de Camila” e “As Cartas de Natália” - entrelaça esses gêneros de relatos íntimos (diário, álbum familiar, cartas), registrando fragmentos de vida e de sentimentos, de forma a dar consistência a fatos e episódios transcritos nessas narrativas de caráter pessoal. Jenny, Camila e Natália. São as suas narradoras, contando histórias que versam sobre mulheres de diferentes gerações: a avó, a filha e a neta. Seus vínculos, de acordo com as estratégias discursivas, da autora são indestrutíveis, de tal forma que qualquer uma das três personagens sempre se reportará a si mesma e as outras duas.

O tom do texto é intimista, o ritmo é constante, nem lento nem rápido demais, mas é sempre melancólico. Não há uma linearidade temporal, pois a

¹ PEDROSA, Inês, entrevista à revista *Bravo*, n.33.

autora vai e volta no tempo, não perdendo seu fio narrativo, nem o embaraço. Vai assim compondo seu tecido pouco a pouco, trazendo o leitor para uma posição próxima da enunciação, para que ele, aos poucos, vá compreendendo os laços da trama. As várias faces do amor, tema constante dos relatos de cada narradora, são descortinadas, vindo a constituir o motivo recorrente central, articulando outros temas. Há preocupação da escritora na contextualização histórica dos fatos. Destaca, entretanto, a filosofia de vida das personagens, mostrando sua inclinação em retratar o que está por trás das existências individuais e das relações comuns dessas existências. Enfrenta, assim, as tragédias da vida, sem perder de vista a poesia.

Na primeira parte do livro – “O Diário de Jenny”, há um longo desabafo onde, ao relatar sua vida, a personagem compõe um poema de dor e de amor. Vamos descobrindo uma história surpreendente, não evidentemente por se tratar de um triângulo amoroso, mas pela composição desse triângulo, no qual nada é mais importante do que os sentimentos que essas personagens nutrem umas pelas outras. Sentimentos que se sobrepõem ao erotismo. A admiração recíproca favorece a permanência de uma “estranha” trindade que associa um casal e o amante do marido.

Jenny está velha ao começar escrever esse diário. Escreve para si mesma; para seu António já morto; para Pedro, amante de António; para sua filha adotiva Camila e para sua neta Natália. Em sua narração não se encontram vítimas, encontram-se personalidades que ousaram viver diferentemente. Jenny, nesses relatos, vai nos apresentando o funcionamento da sociedade, da moral e da cultura da época em que era jovem. Antecipa acontecimentos que serão retomados nas outras duas partes do livro, com apresentação dos mesmos fatos de acordo com outras perspectivas.

A personagem tece conjecturas sobre tudo. Por exemplo, sobre sua velhice, da qual possui perfeita consciência, ela diz:

Não me lembro da experiência da dor. Uma das vantagens do envelhecimento é conseguirmos esquecer aquilo que não nos apetece recordar... Não penses que te estou a dizer que na velhice as pessoas ficam mais perto da essência da vida; não consigo encontrar uma solução para os problemas do Universo pelo facto de ser velha. mas acho que ganhei em frivolidade, sobretudo depois de sua morte, António. Eu era uma rapariga demasiado séria, e agora tornei-me uma velha leviana.”²

A dinâmica daquela vida a três é conservada em segredo até sua revelação no diário da personagem que reconhece:

² p. 26

É verdade que fomos felizes, embora nunca tenhamos constituído um triângulo amoroso convencional.”³

Sua resistência em revelar uma situação tão insólita quanto a daquele triângulo amoroso tinha muito mais a ver com a possibilidade de suscitar pena sobre sua pessoa, coisa que ela não poderia suportar. Seu olhar crítico cai sobre todas as coisas que a rodeiam, mas com um sentido de constatação e não de reprovação. A vida lhe ensinou, principalmente, a tentar compreender a ação do outro, pois intui ser capaz de praticar coisas extraordinárias, por isso faz da aceitação seu exercício vital.

Mulher de profundas reflexões, ao pensar na vida de sua filha de criação, Camila, por exemplo, não pode deixar de comparar a vivência da mulher moderna com a sua própria vivência. Acha que a mulher moderna tornou-se pesada ao tentar ser aceita como igual no mundo masculino, despendendo esforços inúteis tentando colocar a razão acima de tudo.

Em seu diário, Jenny conta a prisão de Camila, acusada de subversão em tempos salazaristas. A personagem nunca conseguiu alcançar a dimensão devastadora dessa prisão, mas a autora retomará o tema na segunda parte do livro, sob os olhos da própria Camila.

Seremos apresentados também a Natália, filha de Camila, que por ser de uma geração ainda mais jovem e ser mulata, enxerga a avó, que adora, como um espécime típico da antiga sociedade portuguesa, cujas mulheres oprimidas devem ser ajudadas a se libertar.

O que dizer da belíssima observação dessa avó personagem, sobre a luta constante de Natália para se enquadrar nos padrões de beleza impostos pela modernidade e que só podem descaracterizá-la? Diz a personagem narradora:

... De qualquer forma, quando hoje a Natália me inveja a silhueta e a pele, quando a vejo chegar esbaforida da aeróbica, carregada de cremes reafirmantes e iogurtes magros, pedindo-me desculpas por não poder provar o arroz de pato que fiz especialmente para ela, fico triste. Queria que minha neta experimentasse o simples prazer de percorrer a pé essa cidade grande que ela se afadiga a acrescentar, no seu estirador de arquitecta, e que depois, ao voltar a casa, se sentasse no alpendre a saborear uma fatia de bolo de um ovo só, com muita farinha e muito mel a substituir o inacessível açúcar. E queria que ao menos ela me acreditasse quando lhe digo que, se levantasse os olhos das revistas que folheia com fúria, descobriria nos olhos dos homens a insubstituível beleza do seu corpo redondo e da sua pele cor de canela.⁴

³ p. 36

⁴ p. 46

Acompanhamos o envelhecimento de Jenny, agora sozinha em seu casarão, falando com seus fantasmas, a caminho da senilidade. É o final de um ciclo. Lentamente as coisas se transformam, tem-se a impressão de que direcionam para o fim, mas depois veremos um recomeço, com o surgimento de um novo ciclo, através da neta.

O leitor novamente se deparará com um texto intimista e pungente, na segunda parte do livro – “O Álbum de Camila.” Esse álbum se fez através de fotos e fragmentos recolhidos em casa de Jenny, agora morta. Nesse vasculhar de coisas antigas, Camila descobre o diário de Jenny e de forma comovente a autora une as três mulheres, uma que revela e as outras duas que descobrem a verdade sobre a relação dos três seres mais amados de suas infâncias.

A juventude da personagem Camila se constrói sobre premissas feministas de Simone de Beauvoir, conforme explicitadas pela narradora. Nesse sentido, tem-se novamente a oportunidade de localizar um tempo histórico (presença marcante do pensamento feminista) no espaço do romance. O comportamento da personagem está construído em cima dessa filosofia inovadora para a época. É ainda essa personagem que nos apresentará Moçambique em plena guerra da independência e nos mostrará a pressão dos portugueses para que seus jovens saíssem em armas de Portugal para enfrentar os guerrilheiros em sua luta libertária.

Camila passa sua existência às voltas com fotografias, mais exatamente com instantâneos fotográficos. De sua mãe verdadeira guarda somente um instantâneo e é ao relatar a observação que faz deste retrato, que nos revela seus mais profundos sentimentos em relação a essa mulher que não conheceu e que morreu nos porões do nazismo.

Após o trauma da prisão, Camila altera seu estilo de fotografar; precisará também de mais tempo para voltar a amar. Eduardo fica em sua vida por pouco tempo, mas tornar-se-á um grande amor. Guarda uma sua única foto, um instantâneo, onde a personagem recorda o dia e momento exato em que a fez, fixando assim para sempre esse momento de plenitude amorosa. Conjugam-se, dessa forma, o amor da personagem pela fotografia e por seu assunto.

A descrição da morte inesperada do amado se transforma em um poema, confirmando a habilidade da autora em lidar com as tragédias pessoais sem jamais cair no melodrama:

[...]A luz coada pelas folhagens das árvores dos jardins de Monserrate molda-lhe o rosto em manchas de cera macia. Parece que acabou de respirar no segundo anterior, e que olha já, dum lugar mais alto, aquele corpo sereno que era o seu, estranhando-lhe a serenidade. Não teve direito a contemplações póstumas

esse corpo estreito que me revelou o amor. Desapareceu da face da terra, desfez-se em cinza negra sobre a areia, sorvido por um relâmpago, diante de meus olhos.⁵

Camila vai para África e através de seu olhar podemos perceber as diferentes posturas frente à guerra pró-independência em Lourenço Marques (atual Maputo), capital de Moçambique, e o interior do país. Nessa incursão país adentro, como repórter, conhece o guerrilheiro Xavier, da FRELIMO. Esse soldado negro, antes de morrer, lhe deixa a semente de Natália, para ela, “minha filha de África, mais do que de Xavier...”⁶

De Xavier restou, também, uma única foto que acompanhará a vida de Camila e Natália. Camila e seus instantâneos. Sua sensibilidade lhe possibilita perceber uma dor individual em meio a uma grande comemoração, como por exemplo, a da Revolução dos Cravos. Ou que faça de uma imagem congelada (a foto do ditador Salazar, por exemplo), uma oportunidade para reflexões éticas. Mais uma vez o ato de desnudar-se pela palavra acontece no romance. Em seu “álbum”, Camila fala não só das tragédias impostas pela vida mas, também de suas tragédias íntimas, como o reconhecimento do desgosto de ver refletido na juventude da filha o seu próprio envelhecimento. Sente que sua filha, como mulher, a superou em tudo, trazendo saudade do tempo em que ela era criança e tão próxima.

A disputa pelo mesmo homem distancia ainda mais essas duas mulheres. Nem a morte de Jenny consegue aproximá-las. Natália e Camila competem entre si por excessiva admiração mútua. A filha sente-se pequena diante da força da mãe ao enfrentar a vida e por isso a desafia, perpetuando mágoas.

É aos 52 anos que, sozinha em seu quarto, Camila se auto-retrata e finalmente frente a frente consigo mesma pode apreciar-se, autoavaliar-se com critério, sensibilidade, generosidade. Consciente, agora, de sua mortalidade e de uma adquirida invulnerabilidade.

O prosseguimento da vida se evidencia na última parte do romance, “As Cartas de Natália.” Ainda sem perder o rumo, a autora vai dissecar o íntimo dessa terceira personagem, através das cartas escritas à avó.

Registram-se novos traços da dor amorosa que envolveu as três existências, em formas variantes, evidenciando sempre sua capacidade transformadora, mas às vezes também de desagregar personalidades.

Observe-se o caso de Natália e sua paixão por Álvaro, objeto de desejo de sua mãe. Álvaro lhe parece inalcançável assim como António o foi para Jenny. A

⁵ Idem. *Ibidem*. p.101-2.

⁶ Idem. *Idem*. p. 110.

protagonista dessa parte do livro é fruto de seu tempo. Escolhe como profissão a arquitetura e luta com todas as suas forças para vencer nela. Despreza teoricamente o dinheiro, mas sabe que nada pode fazer sem ele e portanto acaba indo contra seus ideais para poder sobreviver independentemente.

Em suas cartas, sempre dirigidas à avó, suas percepções íntimas vão subindo à superfície. Uma superfície que parece perder a maciez da juventude gradualmente. Assim como sua mãe, decepciona-se com os amigos que se transformam com a vida, adquirindo novos caracteres e se tornando estranhas ou diferentes, de qualquer maneira outras pessoas não mais compatíveis com ela. A perplexidade pelas transformações, que a velhice e a vida impõem a Jenny, faz com que ela continue a escrever cartas à avó, na tentativa de eternizá-la de acordo com suas lembranças, memórias daquela avó ideal que talvez fosse sua própria criação.

Mulher de sentimentos profundos, arguta analista de almas, Natália amadurece a cada carta que escreve, adoça sua crítica à mãe e tenta compreendê-la. Acredita no amor e não desiste em buscá-lo. Nessas cartas, que são um mergulho em seu interior, começa a reconhecer suas carências e a entender algumas falas antigas de Jenny, tidas anteriormente como incompreensíveis.

Com a morte de Jenny, Natália em profundo sofrimento, rompe seu casamento, que já não tinha a força da paixão. A morte da avó evidencia sua própria morte e leva com ela todo o medo de viver uma nova paixão. Sobre a dor da separação, a personagem traça belíssimas considerações, como por exemplo:

A separação pode ser o acto de absoluta e radical união, a ligação para a eternidade de dois seres que um dia se amaram demasiado para poderem amar-se de outra maneira, pequena e mansa, quase vegetal...

Todas as perdas e transformações que ocorrem na vida de Natália a impulsionam a partir para África em busca de memórias de seu pai. Nessa viagem, as observações da personagem dão conta de descrever toda a violência que persiste em Moçambique pós- guerra, assim como a riqueza humana em contraste com a miséria desse seu país de origem. Essa viagem completará o ciclo da busca de si mesma, trazendo de volta uma mulher mais em paz consigo e mais corajosa para buscar seu amor. Jenny, sua avó, será sua fonte inspiradora e ouvinte fiel de seus sentimentos mais profundos, nas cartas que escreve a essa destinatária ausente.

Por fim, como fecho desta resenha, convém remeter à epígrafe de “O diário de Jenny” – fragmento poético que parece indicar um sentido para o percurso existencial das personagens centrais desse romance intenso:

Quem vai para cama com quem. Não é importante. Sentimentos são importantes. Eu penso principalmente em sentimentos, eles enchem minha vida como o vento, como o movimento das nuvens. Em um céu cheio de nuvens, nuvens sobre nuvens". John Ashbery⁷

⁷ "[...]Who goes to bed with what Is unimportant. Feelings are important. Mosly I think of feelings, they fill up my life Like the wind, like tumbling clouds In a sky full of clouds, clouds upon clouds". John Ashbery